



QUAL A IMPORTÂNCIA DO ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PARA O MERCADO DE TRABALHO?

Acadêmicas: Luciana Vasconcelos dos Santos e
Maria do Socorro Marques Lima
Orientador: Prof.Dr. Eloi Martins Senhoras

RESUMO: Introdução: O objetivo deste trabalho é conhecer a importância da Educação de Jovens e Adultos para o mercado de trabalho, as portas que são abertas para que esses alunos se torne um profissional qualificado com melhores salários proporcionando uma vida mais digna para si e seus familiares. Para atingir esse objetivo adotou-se a **metodologia** da pesquisa bibliográfica para se ter conhecimento do discutidos por autores que tratam sobre o assunto. **A conclusão** do estudo é que a Educação de Jovens e Adultos proporciona e possibilitar aos jovens e adultos um melhor ingresso no mercado de trabalho, em cursos profissionalizantes, em cursos superiores e conseqüentemente possibilita melhorias na qualidade de vida tanto pessoal quanto profissional.
Educação de Jovens, adultos. Formação Profissional. Mercado de trabalho.

Introducción: El objetivo de este documento es conocer la importancia de la educación de jóvenes y adultos para el mercado laboral, las puertas que están abiertas para que estos estudiantes se conviertan en un profesional calificado con mejores salarios que brinden una vida más digna para ellos y sus familias. Para lograr este objetivo, se adoptó la metodología de investigación bibliográfica para tener conocimiento de lo que discutieron los autores que trataron el tema. **La conclusión** del estudio es que la educación de jóvenes y adultos proporciona y permite a los jóvenes y adultos una mejor entrada en el mercado laboral, cursos vocacionales, cursos de educación superior y, en consecuencia, permite mejoras en la calidad de vida personal y profesional.
Educación de jóvenes, adultos . Formación profesional. Mercado laboral.

INTRODUÇÃO

O Ensino de Jovens e Adultos no Brasil (EJA) está inserido na meta do Estado brasileiro de erradicar o analfabetismo juntamente com a de proporcionar à população cuja faixa etária não se adequa mais ao ensino fundamental e Ensino Médio, a complementação de sua formação escolar. Embora as cartilhas do governo enfatizem a necessidade de promover entre os sujeitos do EJA o aprendizado para a formação escolar, também está enfatizada a formação de sujeitos sociais críticos e aptos a lidar com as exigências de um mundo em transformação.

Pós Graduação em Educação de Jovens, Adultos e Idosos

A grande maioria dos jovens e adultos retorna aos bancos das salas de aula objetivando uma formação escolar que lhes possibilite um posicionamento mais qualificado, em termos de empregabilidade e salário, é lógico, ou mais racional, que a grade curricular do EJA se adeque a esse propósito. Proporcionando qualificação ou melhoria intelectual e técnica que possa conduzir o estudante ao mercado de trabalho de forma digna.

O objetivo deste trabalho é conhecer a importância da Educação de Jovens e Adultos para o mercado de trabalho, as portas que são abertas para que esses alunos se torne um profissional qualificado com melhores salários proporcionando uma vida mais digna para si e seus familiares. Para atingir esse objetivo adotou-se a metodologia da pesquisa bibliográfica para se ter conhecimento do discutidos por autores que tratam sobre o assunto.

Na modalidade Educação de Jovens e Adultos, em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - 9394/96) no seu artigo 37 diz: “A educação de jovens e adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria”. Diante do que a LDB - 9394/96 assegura ressalta-se a necessidade de toda uma abordagem pedagógica, incluindo conteúdos, metodologias e processos de avaliação diferenciados. Portanto, a ideia é que a escola respeite o perfil do aluno adulto, principalmente no que se refere a sua formação profissional.

Ainda no artigo 2º da referida lei escreve que: “um dos pontos em destaque dos princípios e finalidades da Educação Nacional é a qualificação para o trabalho”. Sendo assim esse projeto se justifica pela necessidade dos alunos da EJA se qualificar para o trabalho. É esta motivação que impulsiona e explica a escolha desta temática e deste público.

Dentre os diversos assuntos relacionados à Educação de Jovens e Adultos (EJA), um dos mais discutidos diz respeito à necessidade de as escolas envolvidas com esta modalidade de ensino contemplarem concepções, currículos e metodologias voltados para o mundo do trabalho.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Tanto os jovens, quanto os adultos, ao matricularem-se em uma escola desta modalidade precisam ser preparados e qualificados para um mercado de trabalho que é cada vez mais exigente, desafiador e competitivo. Por outro lado, o ato de voltar a estudar pode ser motivado por diversas razões. Dentre muitas, o desafio de estar cada dia mais qualificado e preparado para o mercado profissional é uma das que mais determinam jovens e adultos a se matricularem na EJA. Nesse sentido, é muito importante que as escolas estejam preparadas para acolherem os que decidem continuar a jornada escolar e, principalmente, para lhes oferecer um tipo de ensino mais conectado às suas necessidades profissionais.

Para Sato (2009, p. 38) o processo da aprendizagem da educação de jovens e adultos devem ser em três dimensões: “a individual, a profissional e a social”. A primeira considera a pessoa como um ser incompleto, que tem a capacidade de buscar seu potencial pleno e se desenvolver, aprendendo sobre si mesmo e sobre o mundo. Na profissional, está incluída a necessidade de todas as pessoas se atualizarem em sua profissão. Um médico, um engenheiro, um físico, todos os profissionais precisam se requalificar. Em momentos de crise, como o atual, isso fica ainda mais necessário. É comum o trabalhador ter de aprender um novo ofício para se inserir no mercado. Na esfera social (que é a capacidade de viver em grupo), um cidadão, para ser ativo e participativo, necessita ter acesso a informações e saber avaliar criticamente o que acontece. Além dessas, há outra dimensão de aprendizagem muito pertinente neste momento: a relação das pessoas com o meio ambiente. Todos nós temos a necessidade de nos reeducarmos no que se refere a essa questão.

Segundo Nelson (2005, p. 24) “na educação de jovens e adultos o professor deve ficar atento aos conhecimentos trazidos pelo aluno e a partir daí propor estratégias adequadas”. Significa que a escola deve partir daquilo que o aluno traz, principalmente a sua experiência, do conhecimento do senso comum para depois chegar ao formal ou sistematizado, proporcionar a passagem do senso comum para o conhecimento científico, eis a matéria-prima que a escola deve trabalhar e lapidar. Novaes (1992, p. 63) confirma que “o avanço tecnológico traz para o mundo do trabalho desafios constantes”, porque acarreta mudanças nas próprias organizações, face às novas necessidades e expectativas dos trabalhadores. Essa constatação remete para a

urgência das organizações em atentarem para as condições da qualidade de vida no trabalho e fora dele, configurando-se cada vez mais o fato de que abrir a oportunidade para que cada trabalhador possa ter assegurada a realização de suas próprias metas e necessidades pessoais.

Sabe-se que existe uma busca para se compreender as relações entre o mundo da educação e do trabalho. Para Laudares (1999, p.72) existem três momentos para a capacitação e atualização profissionais: “formação escolar, qualificação pela prática do trabalho e requalificação pela educação continuada”. Neste sentido, a qualificação para o trabalho é a formação no nível da escolaridade Formal. Novas exigências de capacidade de abstração, de tomada de decisão, de intervenção nos processos produtivos trazem impacto direto sobre o fluxo das atividades laborais, como um dos graus de produtividade a partir da intervenção do trabalhador. Muitas empresas brasileiras exigem nos testes de seleção de pessoal a escolaridade básica, mesmo que o posto de trabalho não seja qualificado para tal.

No que tange ao papel da escola, Menezes (2000, p.33) menciona que “cabe à escola preparar o trabalhador não mais para executar uma tarefa, mas para desempenhar uma função”. Em consequência do desempenho funcional, a demanda para o trabalho não é mais de uma qualificação específica, mas de uma qualificação mais geral, principalmente na ação coletiva das equipes, dos grupos e dos times. A formação acadêmica, dessa forma, em consonância com o mundo do trabalho, promove o pluralismo, a interdisciplinaridade, os intercâmbios dos conteúdos, de uma forma integrada e não mais discreta nos departamentos estanques. Uma escola a desenvolver as potencialidades dos indivíduos com sólida formação geral. Para que esse desenvolvimento ocorra, tem que ser promovendo uma educação emancipadora é preciso saber ouvir e falar, principalmente no que se refere à atuação docente, pois “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele” (Freire, 1996. P. 58), logo, o professor ensejando que o aluno o compreenda é necessário que o docente compreenda o aluno em primeira instância para posteriormente querer que o inverso aconteça.

Desde que foi implementada no Brasil, a EJA tem o objetivo de propiciar a milhares de discentes a oportunidade de se alfabetizarem e ou de crescerem intelectualmente a partir de um tipo de ensino que deve estar voltado para as necessidades de uma vida juvenil e adulta. Ainda assim, não são poucas as dificuldades pelas quais passam os estudantes

dessa modalidade. Podem ser muitos os motivos que levam um aluno a abandonar seus estudos, sejam eles de ordem social, econômica, emocional e, até mesmo, pedagógica.

Educação de Jovens e Adultos e o mundo do trabalho

Trabalho e educação são temas convergentes abrigando vários pontos de intersecção, ainda mais quando estamos nos referindo à EJA: “emprego”, “mercado profissional” e “qualificação” são os tópicos usualmente associados à EJA e presentes em seu currículo. Com o aumento da precarização do trabalho nas últimas décadas, os estudantes e também trabalhadores dessa modalidade de ensino passaram a viver em condições sociais e econômicas cada vez mais instáveis, trabalhando em condições parciais ou temporárias, sendo alvo do desemprego no país (COSTA,2013). Segundo Méndez (2013), a EJA se depara com a exigência do mercado por uma educação formal que contribua para a formação de sujeitos dotados de multifuncionalidade, adaptabilidade, disciplina e alta produtividade. (MÉNDEZ, 2013, p. 51). Portanto, professores envolvidos com a EJA passam a ter uma responsabilidade ainda maior, pois não são poucos os desafios para qualificar seu público-alvo a partir de uma nova lógica de mercado, a qual exige cada vez mais, um perfil profissional conhecedor de múltiplas linguagens e habilidades. Freire (1996, p. 70), ao falar que o professor deve conhecer a realidade do aluno, ele ressalta que é “preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica. Preciso tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela”, para que, de fato, a aprendizagem aconteça de forma eficaz.

Uma infantilização psicológica mascarada pela possibilidade de consumo pauta as iniciativas tanto de pobres com de ricos. A educação como um todo, abandona o caminho de autodescoberta e passa a ser um fim, respaldada naquilo que no mercado de trabalho é mais rentável. Definitivamente, a lógica do capital é que não exista regulação nenhuma (MÉSZÁROS, 2005). O público do EJA é em sua maioria adulto, no sentido de que são pessoas com considerável experiência de vida, nas quais se inclui relacionamentos, filhos, separações, trajetória de trabalho, ganhos e perdas. Ao contrário das classes mais abastadas para as quais se orienta toda a ideologia de consumo, mantém seus sonhos dentro dos limites que lhe são próprios. Portanto, estão ideologicamente fora de moda.

E o público do EJA é revestido de uma imagem de exclusão social. Segundo Martins (1997), referindo-se ao grande contingente de mão de obra precária tida como excluída da cidadania, não existe exclusão, porque todos estão incluídos na sociedade. O que há é uma fetichização da ideia de exclusão. Sociologicamente não existe exclusão. Existe uma inclusão precária, instável e marginal decorrente de uma situação econômica. E que resulta para muitos na sociedade, em ocupar apenas lugares residuais. A exclusão passou a ser notada porque a inclusão proposta pelo capitalismo está muito lenta. O período de passagem da exclusão para a inclusão está muito longo, ultrapassou a transitoriedade, está se transformando num modo de vida. (MARTINS, 1997).

De maneira geral, os alunos que procuram a EJA para retomar seus estudos são pessoas de classe trabalhadora, vivendo grande parte delas de subemprego ou desempregados. Procuram a escola com a aspiração de galgar melhores possibilidades de emprego, sendo a EJA uma oportunidade para isso. São em grande parte, marginalizados pela escola e marcados por uma história de entradas e saídas de cursos anteriores, por motivos que variam desde os de ordem pessoal, como cansaço após a jornada de trabalho, desestímulo, alimentação deficiente, até os que dizem respeito ao sistema educacional, como metodologias e recursos pedagógicos inadequados.

Para PAIVA (1973) a educação de jovens e adultos é:

A educação de jovens e adultos é toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários. (PAIVA, 1973, p.16).

Visa atender prioritariamente, à classe trabalhadora, portanto a EJA não pode ser pensada de forma desarticulada do mundo do trabalho. É preciso, compreender que o aumento por uma educação formal está diretamente relacionado com a mudança do perfil de mercado de trabalho. E essa relação entre organização social e a escolaridade nunca foi tão forte, pois atualmente a empregabilidade só é garantida, mediante a escolaridade.

Os jovens e adultos pouco escolarizados trazem consigo um sentimento de inferioridade, marcas de fracasso escolar, como resultado de reprovações, do não aprender. A não-aprendizagem, em muitos casos, decorreu de um ato de violência, porque o aluno não atendeu às expectativas da escola. Muitos foram excluídos da escola pela evasão (outro reflexo do poder da escola, do poder social); outros a deixaram em razão do trabalho infantil precoce, na luta pela sobrevivência (também vítimas do poder econômico). (SANTOS, 2003, p. 74)

Ao falarmos de jovens e adultos, estamos falando de uma parcela da população excluída socialmente, inclusive da escola. Referimo-nos a jovens e adultos das camadas populares cujos traços comuns realçam a vulnerabilidade inerente à exclusão: marginalizados, desempregados, oprimidos e sem horizontes de sucesso profissional ou melhoria na qualidade de vida. (OLIVEIRA, 2002). “Mudar é difícil, mas é possível” (FREIRE, 2004, p.79). Essa afirmação remete à possibilidade de transformação social. É preciso construir uma estratégia de educação de adultos que contribua para a transformação da sociedade que aí está, em outra que seja melhor e “que represente os interesses daqueles que estão numa condição de subordinação em relação à estrutura de poder”. (MAYO, 2004, p. 53).

A “formação de recursos humanos” remete às noções da teoria do capital humano, totalmente incompatível com a concepção de trabalho como princípio educativo. “A formação humana baseada no trabalho como princípio educativo não pode ser confundida com a formação de recursos humanos para atender às demandas do mercado de trabalho” (MOURA, 2010, p. 885). De acordo com Moura “têm seus significados dependentes da concepção de ser humano, de sociedade, de ciência, de tecnologia, de cultura, enfim, de mundo que o sustente” (MOURA, 2010, p. 887). Essas concepções estão muito próximas ao pensamento neoliberal e, portanto, submetidas à lógica da adaptação à realidade hegemônica, que tem centralidade na dimensão econômica e, no mercado, o instrumento para fortalecê-la. Dessa forma, afasta-se da perspectiva transformadora da realidade, com centralidade no ser humano e em suas relações com a natureza, por meio do trabalho. Para (PINTO, 2010), A educação é a formação do homem pela sociedade em que está inserida, ou seja, é o processo onde a sociedade integra o indivíduo em seu modo de ser social, buscando sua aceitação para atuar em fins coletivos e não individuais. Nessa perspectiva, “a educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses” (PINTO, 2010).

Mercado de trabalho

Sendo a qualificação para o trabalho uma das competências das instituições de ensino frente aos alunos, sejam eles jovens ou adultos, é preciso levar em consideração que habilidades comportamentais e atitudinais precisam ser pensadas pelas escolas e todo o seu corpo profissional, principalmente por quem esteja à frente do processo de ensino e aprendizagem e elencar em suas metodologias de ensino estratégias que vislumbram o desenvolvimento ou o aperfeiçoamento destas. “O novo foco na educação escolar não abandona os conteúdos, mas dele se utiliza para que o aluno desenvolva habilidades e alcance competências exigidas do novo profissional cidadão”. (MORETTO, 2011, p. 115)

O Brasil é um país onde há muitas pessoas com escolaridade incompleta até o ensino médio. Este fato deve-se entre outros motivos, o descaso de algumas instituições ou sistemas de ensino perante a Educação de Jovens e Adultos, pois ao pensarem em fazer EJA não se atentam ao que afirma Schwartz “não é suficiente, entretanto, criar um ambiente alfabetizador para que uma pessoa se alfabetize. Se assim fosse não haveria analfabetos nas cidades onde a cultura escrita está presente” (Schwartz 1994, p. 148). Que para tal realização de educação é preciso criar condições apropriadas de atendimento conforme a necessidade e realidade do educando, seus interesses e condições de vida e de trabalho, conforme expresso na LDB e por vezes mencionado neste. A EJA, conforme prevista na LDB 9394/96 contribui aos jovens e adultos além da oportunidade de obterem a igualdade de oportunidade no mercado de trabalho, vem de encontro ao previsto na constituição federal de 1988 em seu artigo 5º, “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...] são iguais em direitos e obrigações” (BRASIL 2013, p. 16), tão logo, vê-se o direito a igualdade e com a educação de jovens e adultos, as pessoas têm a oportunidade de se igualarem a todos, nos aspectos de terem as mesmas oportunidades, a princípio no mercado de trabalho, com o ingresso, permanência e conclusão dos estudos, pois quanto mais o tempo passa, mais a tecnologia avança e desta forma, são maiores as exigências mínimas das empresas para recrutarem colaboradores/trabalhadores, onde na maioria dos casos, observa-se a conclusão, no mínimo, do ensino médio, e até mesmo podendo estar escassas as vagas de trabalho para pessoas com níveis de escolaridade inferior ou inexistente.

A análise dos dados fornecidos pelo IBGE/Pnad (2001), pela síntese de Indicadores Sociais/2006 (dados do IBGE disponibilizados em Ministério da Educação, 2001) e pelo Inaf (2005) permite constatar que a desigualdade em que se encontramos cidadãos brasileiros tem sido determinada, principalmente, pela renda, pela cor, pelo trabalho e pela educação. O IBGE (2002) também destaca que, nos últimos anos, a crise do desemprego que perpassa a sociedade e atinge mais fortemente a força de trabalho jovem, reforça a necessidade de qualificação (educação) em busca de uma colocação no mercado de trabalho. Todos esses dados transportados para as condições gerais dessa população se expressam numa baixa qualidade de vida, pois ser (...) excluído da escolaridade básica gera uma série de privações concretas e simbólicas que se evidenciam desde as exigências do trabalho até as práticas sociais cotidianas. (SCHWARTZ 2002 p.30 - 31).

Desde os primórdios a Educação sempre enfrentou inúmeros desafios, criando e recriando vários programas e métodos educacionais a fim de atender as necessidades da época. Na atualidade não é diferente. O mercado de trabalho está mais exigente, não somente em relação à escolarização, mas também em certas competências e habilidades o que está diretamente ligado a duas situações que implicam no não alcance destas, sendo a metodologia utilizada pelas instituições e docentes que conseqüentemente podem influenciar a evasão escolar neste segmento. Neste contexto, é preciso pensar enquanto educação de jovens e adultos, além de atender a legislação, atender também ao direito social de toda pessoa, contribuindo com o avanço e/ou conclusão da embasando principalmente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional afirmando que as instituições devem assegurar este direito aos jovens e adultos fornecendo condições apropriadas de atendimento levando em consideração as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho. No decorrer deste, objetiva-se expor alguns principais desafios contemporâneos deste segmento de ensino bem como propor algumas ideias para, realmente, contribuir com a Educação de Jovens e Adultos, e conseqüentemente, contribuir para a permanência dos alunos na continuidade dos estudos até a conclusão, reduzindo desta forma a evasão escolar neste segmento e podendo contribuir, também, com a qualificação profissional dos alunos.

Para Saviani, trabalho e educação têm uma relação de identidade, “os homens aprenderam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la”. (SAVIANI, 2007, p. 54). Porém, o que demarca a dimensão mais profunda da concepção de trabalho como princípio educativo é de ordem ontológica (inerente ao ser humano) e, conseqüentemente, ético-política (trabalho como direito e como dever). Através desta dimensão ontocriativa, o ser humano cria e recria, pelo trabalho, pela cultura e pela

linguagem, sua própria existência. É pela ação vital do trabalho que os seres humanos transformam a natureza em meios de vida.

Se essa é uma condição imperativa, socializar o princípio do trabalho como produtor de valores de uso, para manter e reproduzir a vida, é crucial e “educativo”. (FRIGOTTO, 2005). Aqui entra a dimensão político-pedagógico. O trabalho é o primeiro fundamento da educação enquanto prática social. Para trabalhadores jovens e adultos, além do sentido ontológico do trabalho, o sentido histórico é de especial importância, pois possibilita a compreensão das relações existentes entre fundamentos científicos e tecnológicos com a atividade produtiva; como o saber científico se relaciona com a prática. Essa compreensão lhes possibilita expandir a consciência sobre a sua condição de trabalhador explorado. Nessa concepção de trabalho, associa-se a concepção de ciência: conhecimentos produzidos e legitimados socialmente ao longo da história, como resultados de um processo empreendido pela humanidade na busca da compreensão e transformação dos fenômenos naturais e sociais.

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2005, p. 7) Sendo a qualificação para o trabalho uma das competências das instituições de ensino frente aos alunos, sejam eles jovens ou adultos, é preciso levar em consideração que habilidades comportamentais e atitudinais precisam ser pensadas pelas escolas e todo o seu corpo profissional, principalmente por quem esteja à frente do processo de ensino e aprendizagem e elencar em suas metodologias de ensino estratégias que vislumbram o desenvolvimento ou o aperfeiçoamento destas. “O novo foco na educação escolar não abandona os conteúdos, mas dele se utiliza para que o aluno desenvolva habilidades e alcance competências exigidas do novo profissional cidadão”. (MORETTO, 2011, p. 115).

Na EJA, os alunos aprendem além das competências e habilidades educacionais, desenvolvem inúmeras competências e habilidades exigíveis no mercado de trabalho, entre elas, a inteligência emocional abordando o relacionamento intra e interpessoal que são trabalhados em atividades e dinâmicas em grupos e individuais, onde se é necessário saber ouvir e falar, se posicionar, aceitar ou não a ideia do outro, saber se relacionar para não causar desentendimentos e, se causar, saber lidar com os mesmos evitando maiores transtornos, mesmo que seja com interferência do coordenador

pedagógico, diretor, além do professor da turma e os demais alunos da sala de aula, claro.

Assim, a realidade passa a ser compreendida em sua totalidade e o trabalho compreendido em sua perspectiva ontológica. FRIGOTTO complementa a ideia:

O trabalho deve ser compreendido não como mera adaptação à organização produtiva, mas como princípio educativo no sentido da politécnica ou da educação tecnológica, em que os conceitos estruturantes sejam trabalho, ciência e cultura; em que o trabalho seja o primeiro fundamento da educação como prática social, princípio que organize a base unitária do ensino médio. A ciência deve apresentar conhecimentos que, produzidos e legitimados socialmente ao longo da história, fundamentam as técnicas. À cultura cabe a síntese da formação geral e da formação específica por meio das diferentes formas de criação existentes na sociedade, com seus símbolos, representações e significados. (FRIGOTTO, 2004, p. 21).

A Função Reparadora da EJA não se refere apenas à entrada dos jovens e adultos no âmbito dos direitos civis. Passa também pela restauração de um direito a eles negado, ou seja, o direito a uma escola de qualidade e ao reconhecimento da igualdade de todo e qualquer ser humano ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante. No entanto, não se pode confundir a noção de reparação com a de suprimento, pois é indispensável que seja um modelo educacional que crie situações pedagógicas satisfatórias para atender as necessidades de aprendizagens específicas de alunos jovens e adultos.

Para Frigotto:

O campo educativo, da escola básica à pós-graduação, no quadro do ajuste global, é, então, direcionado para uma concepção produtivista, cujo papel é o de desenvolver habilidades de conhecimento, de valores e atitudes e de gestão de qualidade, definidas no mercado de trabalho, cujo objetivo é formar, em cada indivíduo, um banco de reservas de competência que lhe assegure empregabilidade. (FRIGOTTO, 1998, p. 34)

Nogueira e Freire (1993, p. 13-14) ressaltam que “essa Educação de adultos buscava apontar uma relação entre educar pessoas com vista na transformação (o progresso) da sociedade inteira”. Desta forma, observa-se que este segmento da educação não é simplesmente para cumprir uma legislação, e sim contribuir, de fato, com a sociedade, no entanto os docentes precisam realizar um planejamento com estratégias e dinamismo significativo aos alunos, levando em consideração a necessidade e características do alunado, contribuindo com o aperfeiçoamento e aprimoramento, desde aos vocábulos,

às interações sociais, à inclusão ou melhoria no mundo do trabalho, melhorias na qualidade de vida e até mesmo a uma sociedade mais humanizada.

CONCLUSÃO

Os adultos que voltam aos estudos no EJA buscam, em sua maioria, a certificação do ensino médio para ingresso, ou obter uma situação mais favorável no mundo do trabalho. E também têm intenção de ingressar na universidade pública. Com o pensamento que estudando os resultados empregatícios serão melhores, pois terão mais oportunidades de empregos, e se não pararem os estudos poderão melhorar financeiramente, pois a cada dia o mercado de trabalho está mais competitivo, exigindo do empregado mais qualificações.

Entendo que para isso aconteça seria o aumento de verbas para essa modalidade de ensino para que se possa investir em treinamento de professores, instalações específicas para esse público, ou no mínimo, mais adequadas. Também é necessário o foco naqueles que pretendem prosseguir os seus estudos, e para tanto, considerar as disciplinas sob um ângulo de ingresso nesse ensino. Considerando o pouco tempo de estudo para a formação do ensino médio, é necessária uma formatação desse estudo que atenda ambas as demandas. Notadamente porque para o público do EJA, o tempo é um fator importantíssimo.

Visa atender prioritariamente, à classe trabalhadora, portanto a EJA não pode ser pensada de forma desarticulada do mundo do trabalho. É preciso, compreender que o aumento por uma educação formal está diretamente relacionado com a mudança do perfil de mercado de trabalho. E essa relação entre organização social e a escolaridade nunca foi tão forte, pois atualmente a empregabilidade só é garantida, mediante a escolaridade.

Apesar de todas as carências citadas, essas pessoas possuem experiência de vida que lhes permitem sobreviver em meio às dificuldades que para muitos seriam intransponíveis, possuem uma forma própria de aprendizagem, um saber próprio resultante de experiências desenvolvidas ao longo da vida, pelo fato de dedicarem se muito cedo a uma atividade produtiva. Como visto na atualidade, a aprendizagem, o

desenvolvimento de habilidades e competências educacionais, profissionais e pessoais são importantes para tanto o ingresso ou melhorias no âmbito profissional quanto para vida pessoal de cada indivíduo. A conclusão dos estudos é que a Educação de Jovens e Adultos proporciona e possibilitar aos jovens e adultos um melhor ingresso no mercado de trabalho, em cursos profissionalizantes, em cursos superiores e conseqüentemente possibilita melhorias na qualidade de vida tanto pessoal quanto profissional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília. 1996.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 2013.

_____. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília, 2005.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer nº 11, de 10 de maio de 2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos. **Diário Oficial da União**, Brasília (DF), 10 de maio de 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf
Acesso em: 9 de julho de 2019.

COSTA, Claudia. Borges. **Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o mundo do trabalho**: trajetória histórica de afirmação e negação de direito à educação. Belo Horizonte: Universidade Fumec, ano 10, nº 15. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. NOGUEIRA, Adriano. **Que Fazer**: Teoria e Prática em educação popular. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

FRIGOTTO, G. A educação e a formação técnico-profissional frente à globalização excludente e o desemprego estrutural. In SILVA, L. H. (org.) **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FRIGOTTO, Gaudêncio, & CIAVATTA, Maria (orgs.). **Ensino Médio - Ciência, Cultura e Trabalho**. Brasília: SEMTEC/MEC, 2004.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Org.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

LAUDARES, João Bosco. **Educação e Trabalho**. São Paulo: Dimensão, 1999.

MAYO, Peter. **Gramsci, Freire e a educação de adultos**. Porto alegre: Artmed, 2004.

MARTINS, José de S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MENEZES, Antonio Júlio de. **Trabalho e Educação**. Belo Horizonte: UFRJ, 2000.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005

MÉNDEZ, Natalia Pietra. Educação de Jovens e Adultos e o mundo do trabalho. In: STECANELA, N. (org.) **Cadernos de EJA 1**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2013, p.42-53.

MOURA, Dante Henrique. **A Relação entre a Educação Profissional e a Educação Básica na CONAE 2010: possibilidades e limites para a construção do Novo Plano Nacional de Educação**. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 112, p. 875-894, jul.-set. 2010. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> acesso em 20/06/2019.

MORETTO, Vasco Pedro. **Construtivismo: A produção do conhecimento em aula**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

NELSON, Ivaneide Medeiros. Educação de Jovens e Adultos. **Revista do Professor**. Ano 11, n. 41, p.23-24, Janeiro/Março, 2005.

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia da Educação e Prática Profissional**. Petrópolis: Vozes, 1992.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo. Editora Cortez, 2010.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1973

SANTOS, M. L. L. (2003). **Educação de jovens e adultos: marcas da violência na produção poética**. Passo Fundo: UPF.

SATO, Paulo. A EJA tem Agora Objetivos Maiores que a Alfabetização. **Revista Nova Escola**. ANO XXIV, n. 223, Junho/Julho 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil**. 1.ed. Campinas, Autores Associados, 2007.